

Civilização, primitivismo e anarquismo

Andrew Flood

11 de Junho de 2004

Durante a última década, uma crítica generalizada da civilização tem sido feita por vários autores, a maioria vivendo nos EUA. Alguns deles escolheram identificar-se como anarquistas, embora a auto-identificação mais geral seja primitivista. O argumento geral é que a “civilização” em si é o problema que resulta em nossa incapacidade de viver vidas recompensadoras. A luta pela mudança é, portanto, uma luta contra a civilização e por um planeta onde a tecnologia tem de ser eliminada. Este é um argumento interessante que tem alguns méritos como um exercício intelectual. Mas o problema é que alguns de seus adeptos usaram o primitivismo como base para atacar todas as outras propostas de mudança da sociedade. Enfrentando este desafio, os anarquistas precisam primeiro olhar para ver se o primitivismo oferece qualquer tipo de alternativa realista ao mundo tal como ele é.

Nosso ponto de partida é que a expressão “esta vida é dura” sempre pode receber a resposta de que “é melhor que a alternativa”. Isso fornece um bom teste geral de todas as críticas do mundo “como ele é”, incluindo o anarquismo. Que é perguntar se uma alternativa melhor é possível?

Mesmo que não possamos apontar para a “melhor alternativa”, as críticas ao mundo “como ele é” podem ter certo valor intelectual. Mas depois do desastre do século 20, quando as chamadas alternativas, como o leninismo, criaram ditaduras duradouras que mataram milhões, a questão de “é sua alternativa melhor do que existe?” tem que ser colocada para qualquer um que defenda a mudança social.

A crítica primitivista do anarquismo é baseada na alegação de ter descoberto uma contradição entre liberdade e sociedade de massa. Em outras palavras, eles veem como impossível se tornar uma sociedade livre, qualquer sociedade que envolva grupos muito maiores do que uma aldeia. Se isso fosse verdade, seria impossível a proposta anarquista de um mundo de “federações livres de cidades, vilas e campos”. Tais federações e centros populacionais são obviamente uma forma de sociedade de massa / civilização.

No entanto, o movimento anarquista tem respondido a essa tão chamada contradição desde suas origens. No século XIX, os defensores liberais do Estado apontavam para tal contradição na intenção de justificar a necessidade de um grupo de homens governarem outros. Mikhail Bakunin respondeu a isso em 1871 em seu ensaio sobre “A Comuna de Paris e a Idéia do Estado”¹.

“Dizem que a harmonia e a solidariedade universal dos indivíduos com a sociedade nunca podem ser alcançadas na prática porque seus interesses, sendo antagônicos, nunca podem ser reconciliados. A essa objeção eu respondo que se esses interesses nunca chegaram a um acordo mútuo, foi porque o Estado sacrificou os interesses da maioria em benefício de uma minoria privilegiada, e é por isso que essa famosa incompatibilidade, esse conflito de interesses pessoais com os da sociedade, nada mais é que uma fraude, uma mentira política, nascida da mentira teológica que inventou a doutrina do pecado original a fim de desonrar o homem e destruir seu auto-respeito. ... Estamos convencidos de que toda a riqueza do desenvolvimento intelectual, moral e material do homem, bem como sua aparente independência, é o produto de sua vida na sociedade Fora da sociedade, não só ele não seria um homem livre, ele não se tornaria genuinamente humano, um ser consciente de si mesmo, o único ser que pensa e fala. a combinação de inteligência e trabalho coletivo foi capaz de forçar o homem a sair daquele estado selvagem e brutal que constituía sua natureza original, ou melhor, o ponto de partida para seu desenvolvimento posterior. Estamos profundamente convencidos de que toda a vida dos homens – seus interesses, tendências, necessidades, ilusões, até estupidez, bem como toda violência, injustiça e atividade aparentemente voluntária – representam apenas o resultado de forças sociais inevitáveis. As pessoas não podem rejeitar a ideia de independência mútua, nem podem negar a influência e uniformidade recíprocas que exibem as manifestações da natureza externa “.

Que nível de tecnologia

A maioria dos primitivistas evita a questão de para qual nível de tecnologia eles desejam retornar, escondendo-se atrás da alegação de que eles não estão argumentando em favor de um retorno a qualquer coisa, pelo contrário, eles querem ir adiante. Com isso em mente, um resumo razoável de sua posição é que certas tecnologias são aceitáveis até o nível de serviços de pequenas aldeias por meio de caça e coleta. Os problemas para os primitivistas começam com o desenvolvimento da agricultura e da sociedade de massa.

É claro que a civilização é um termo bastante geral, assim como a tecnologia. Poucos desses primitivistas levaram esse argumento à sua conclusão lógica. Quem tem feito isso é John Zerzan que identifica

¹ <http://flag.blackened.net/daver/anarchism/bakunin/paris.html>

a raiz do problema na evolução na linguagem e no pensamento abstrato. Este é um ponto final lógico para a rejeição primitivista da sociedade de massa.

Para os propósitos deste artigo, tomo como ponto de partida que a forma de sociedade futura que os primitivistas defendem seria amplamente similar em termos tecnológicos àquela que existia por volta de 12.000 anos atrás na Terra, no auge da revolução agrícola. Com isso, não afirmo que eles querem “voltar”, a algo que é, de qualquer modo, impossível. Mas sim, se você procurar seguir em frente, livrando-se de toda a tecnologia da revolução agrícola e além de qualquer dos seus resultados, estes se parecerão bastante com as sociedades pré-agrícolas de 10.000 aC. Como este é o único exemplo que temos de tal sociedade em operação, parece razoável usá-la para avaliar as afirmações primitivistas.

Uma questão de números

Os caçadores-coletores vivem da comida que podem caçar ou recolher, daí vem seu nome. Os animais podem ser caçados ou presos enquanto frutas, nozes, verduras e raízes são colhidas. Antes de cerca de 12.000 anos atrás, todos os humanos do planeta viviam como caçadores-coletores. Hoje, apenas um pequeno número de pessoas o faz, em regiões isoladas e marginais do planeta, incluindo desertos, tundras áridas e selvas. Alguns desses grupos como a etnia Acre só tiveram contato com o resto do planeta nas últimas décadas², outros como os Inuit³ tiveram contato por longos períodos de tempo e adotaram tecnologias além daquelas desenvolvidas localmente. Estes últimos grupos fazem parte da civilização global e contribuíram para o desenvolvimento de novas tecnologias nesta civilização.

Nos ecossistemas marginais, a coleta de caçadores frequentemente representa a única maneira viável de produzir alimentos. O deserto é muito seco para a agricultura sustentável e o ártico é muito frio. A única outra possibilidade é o pastoralismo, a dependência de animais semi-domesticados como fonte de alimento. Por exemplo, no ártico escandinavo, os Sami⁴ controlam o movimento de enormes rebanhos de renas para fornecer uma fonte regular de alimento.

Os caçadores-coletores sobrevivem da comida que caçam e recolhem. Isso requer densidades populacionais muito baixas, pois o crescimento populacional é limitado pela necessidade de evitar a caça excessiva. A coleta excessiva de plantas alimentícias também pode servir para reduzir o número de plantas que estão disponíveis no futuro. Esse é o problema central da ideia primitivista de que todo o planeta poderia viver como caçador-coletor: não existe comida suficiente nos ecossistemas naturais mesmo para uma mera fração da população atual do mundo.

Deveria ser óbvio que a quantidade de calorias disponíveis para os humanos como alimento num hectare de floresta de carvalho será muito menor do que a quantidade de calorias disponíveis para os humanos num hectare de milho. A agricultura fornece muito, muito mais calorias úteis por hectare do que a de caçadores reunidos no mesmo espaço. Isso porque passamos 12 mil anos selecionando plantas e aprimorando as técnicas agrícolas de modo que, por hectare, enfiamos muitas plantas produtivas que colocam sua energia na produção de partes de plantas que são alimento para nós, em vez de partes de plantas que não são alimentos para nós. Compare qualquer grão cultivado com seu parente silvestre e você verá um exemplo disto, a forma cultivada terá grãos muito maiores e uma proporção muito maior de grão para seu caule e folhagem. Nós escolhemos plantas que produzem uma alta proporção de biomassa comestível.

Em outras palavras, um pinheiro pode ser tão bom ou melhor do que uma alface para captar a energia solar que cai sobre ele. Mas com a alface, uma grande porcentagem da energia captada vai para a comida (cerca de 75%). Com o pinheiro, nenhuma das energias produz alimentos que podemos comer. Compare a quantidade de comida encontrada numa floresta próxima com a quantidade que você pode cultivar em um par de metros quadrados de jardim cultivado até mesmo em uma moda orgânica de baixa energia e você verá porque a agricultura é indispensável para a população do planeta. Um hectare de batata cultivada organicamente pode render 15.000 libras de comida⁵. Um quadrado com 70 jardas de largura e 70 jardas de comprimento mede pouco mais de um hectare.

² <http://www.guardian.co.uk/Columnists/Column/0,5673,234225,00.html>

³ <http://www.heritage.nf.ca/aboriginal/inuit.html>

⁴ <http://www.yukoncollege.yk.ca/~agraham/nost202/norwaysami.htm>

⁵ <http://www.gardensofeden.org/04%20Crop%20Yield%20Verification.htm>

A população estimada de humanos na terra antes do advento da agricultura (10.000 aC) varia com algumas estimativas tão baixas quanto 250.000⁶. Outras estimativas para a população de caçadores pré-agrícolas são mais generosas, na faixa de 6 a 10 milhões.⁷ A população atual da Terra está se aproximando de 6.000 milhões.

Esses 6.000 milhões são quase todos suportados pela agricultura. Eles não poderiam ser apoiados pela coleta de caçadores, na verdade sugere-se que até mesmo os 10 milhões de caçadores que podem ter existido antes da agricultura podem ter sido um número não sustentável. A evidência disso pode ser vista no exagero do Pleistoceno [8], um período de 12.000 a 10.000 aC, no qual 200 gêneros de grandes mamíferos foram extintos. Nas Américas, nesse período, mais de 80% da população de grandes mamíferos foi extinta.⁸ Isso se deveu à caça excessiva, uma hipótese controversa. Se estiver correta, o advento da agricultura (e da civilização) pode até mesmo ter ocorrido devido à ausência de grandes caçadas que forçaram os caçadores a se reunirem para ‘se estabelecer’ e encontrar outras maneiras de obter comida.

Certamente, na história registrada, a mesma caça excessiva foi observada com a chegada do homem a ilhas isoladas da Polinésia. Excesso de caça causou a extinção do Dodo na Maurícia e Moa na Nova Zelândia para não mencionar muitas espécies menos famosas.

Vivendo no pântano no inverno

Outra maneira de ver o fato de que o primitivismo não pode apoiar todos os povos do planeta é mais anedótica e usa a Irlanda (onde eu moro) como exemplo. Deixado a si mesmo, o campo irlandês consistiria, na maior parte, de florestas de carvalhos maduros, com arbustos e pântanos aveludados. Entre em uma floresta de carvalhos e veja quanta comida você pode reunir – se você conhece suas coisas, há algumas. Bolotas, frutas silvestres em clareiras, alguns alhos selvagens, morangos, fungos comestíveis, mel silvestre, e a carne de animais como veados, esquilos, cabras selvagens e pombos que podem ser caçados. Mas isso é muito, muito menos calorias que a mesma área cultivada como o trigo ou as batatas produziriam. Simplesmente não há terra suficiente na Irlanda para sustentar 5 milhões de pessoas, a população atual da ilha, como caçadores.

O típico caçador vive numa densidade populacional de 1 caçador por 10 km quadrados. (A densidade populacional atual da Irlanda é de cerca de 500 por 10 km quadrados ou 500 vezes isso). Ao estender esse cálculo padrão para outro lugar do planeta, o número que poderia ser suportado na Irlanda seria inferior a 70.000 pessoas. Provavelmente muito menos, pois apenas 20% da Irlanda é terra arável. O pântano de cobertura ou o cársico de Burren fornecem pouco em termos de alimento útil para os seres humanos. No inverno haveria pouquíssima comida a ser coletada (talvez pequenos esconderijos de nozes escondidos por esquilos e um pouco de mel silvestre) e mesmo as 70.000 pessoas vivendo da caça erradicariam os grandes mamíferos (veados, cabritos selvagens) muito rapidamente. As áreas costeiras e rios e lagos maiores seriam a principal fonte de caça e alguma coleta na forma de mariscos e algas comestíveis.

Mas sendo generoso e assumindo que, de alguma forma, a Irlanda poderia sustentar 70.000 caçadores, descobrimos que precisamos “reduzir” a população em cerca de 4.930.000. Ou melhor, 98,6% da população. As estimativas arqueológicas reais para a população da Irlanda antes da chegada da agricultura são de cerca de 7.000 pessoas.

A ideia de que certa quantidade de terra pode sustentar certa quantidade de pessoas de acordo com a forma como é cultivada (ou neste caso não é) é chamada de ‘capacidade de carga’. Isso pode ser estimado para a Terra como um todo. Um cálculo moderno para caçadores-coletores dá realmente 100 milhões como o valor máximo, mas o quanto do seu limite se torna claro é quando você percebe que se você usar métodos semelhantes de agricultura isto dá a você 30 bilhões como valor máximo de capacidade de carga. [10] Isso seria seis vezes a população atual do mundo!

Mas vamos considerar este valor de 100 milhões como máximo, em vez do máximo histórico de 10 milhões. Esta é uma estimativa generosa, bem acima daquela dos primitivistas que ousaram abordar

⁶ <http://biology.queensu.ca/~bio111/pdf%20files/lect9-human-demography-1.PDF>

⁷ <http://qrc.depaul.edu/lheneghan/ENV102/env102Lecture8.htm> [8]<http://geography.berkeley.edu:16080/ProgramCourses/CoursePagesFA2002/geog148/Term%20Papers/Anita%20Lee/THEPLE~1.html>

⁸ <http://qrc.depaul.edu/lheneghan/ENV102/env102Lecture8.htm> [10][http://www.google.ie/search?q=cache:SC6WTwBCazUJ:library.thinkquest.org/C003763/index.php%3Fpage%3Dterraform03+maximum+hunter+gather+population&hl=en&8\(sorry for the long URL but the page is not directly accessible\)](http://www.google.ie/search?q=cache:SC6WTwBCazUJ:library.thinkquest.org/C003763/index.php%3Fpage%3Dterraform03+maximum+hunter+gather+population&hl=en&8(sorry for the long URL but the page is not directly accessible))

essa questão. Por exemplo, a senhorita Ann Thropy escrevendo na Earth First dos EUA! A revista estima que “a Ecotopia seria um planeta com cerca de 50 milhões de pessoas que estão caçando e se reunindo para subsistência”.⁹

A população da Terra hoje é de cerca de 6 bilhões. Um retorno a uma terra “primitiva” exige, portanto, que cerca de 5900 milhões de pessoas desapareçam. Algo precisa acontecer a 98% da população mundial para que os 100 milhões de sobreviventes tenham a mais leve esperança de uma utopia primitiva sustentável.

Truques sujos?

Neste ponto, alguns escritores primitivistas como o resmungão John Moore, rejeitam a sugestão “que os níveis populacionais previstos pelo anarco-primitivistas teriam que ser alcançados por uma mortandade em massa ou campos de extermínio estilo nazi. Isto seria apenas uma tática de difamação. O compromisso dos anarco-primitivistas com a abolição de todas as relações de poder, incluindo o Estado com todo o seu aparato administrativo e militar, e qualquer tipo de partido ou organização, significa que tais matanças orquestradas ficam impossibilitadas, bem como simplesmente pareceriam horrendas.”¹⁰

O problema para John é que essas “táticas de difamação” são baseadas nos requisitos lógicos de um mundo primitivista, mas também são explicitamente reconhecidas por outros primitivistas. Os 50 milhões da senhorita Ann Thropy já foram citados. Outra FAQ primitivista afirma que “reduções drásticas da população vão acontecer Se nós fizermos isso voluntariamente ou não. Seria melhor, por razões óbvias fazer tudo isso de forma gradual e voluntária, mas se não o fizermos a população humana vai ser cortada de qualquer maneira. “[13]

A Coalizão Contra a Civilização escreve: “Precisamos ser realistas sobre o que aconteceria quando nós entrarmos num mundo pós-civilizado. Uma das primeiras coisas é que muitas pessoas morreriam num colapso civil. Apesar de ser uma coisa difícil para argumentar com uma pessoa moralista, não devemos fingir que esse não seria o caso”¹¹

Mais recentemente, Derrick Jensen, numa entrevista do número 6 da revista ‘A’ Word¹², disse que a civilização “precisa serativamente combatida, mas eu não acho que possamos derrubá-la. O que nós podemos fazer é assistir o mundo natural levá-la abaixo... Eu quero que a civilização seja derrubada e quero que seja derrubada agora”. Vimos acima as consequências de “derrubar” a civilização.

Em suma, não há escassez de primitivistas que reconhecem que o mundo primitivo que desejam requereria “mortes em massa”. Eu não me deparei com qualquer um que defendia “campos de extermínio ao estilo nazista”, mas talvez John tenha jogado lama na água. Primitivistas como John Moore podem, portanto, recusar-se a confrontar essa questão de morrer, elevando a pressão emocional e acusando aqueles que apontam a necessidade de se extinguir como uma “tática de difamação”. Cabe a ele explicar como 6 bilhões podem ser alimentados ou admitir que o primitivismo não é mais do que um jogo mental intelectual.

Minha expectativa é que quase todo mundo, quando confrontado com essa exigência de morte em massa, concluirá que o “primitivismo” não oferece nada pelo que lutar. Muito poucos, como os sobreviventes confrontados pela ameaça da guerra nuclear nos anos 80, poderiam concluir que tudo isso é inevitável e começar a planejar como seus entes queridos sobreviverão quando outros morrerem. Mas esse grupo tardivamente foi muito além de qualquer compreensão do anarquismo como eu o entendo. Assim, o prefixo “anarco” que tais primitivistas tentam reivindicar deve ser rejeitado.

A maioria dos primitivistas foge da exigência de morte em massa de duas maneiras. Os mais fofinhos decidem que o primitivismo não é um programa para um modo diferente de governar o mundo. Pelo contrário, existe como uma crítica da civilização e não uma alternativa a ela. Isso é justo e há um valor em reexaminar os pressupostos básicos da civilização. Mas, nesse caso, o primitivismo não substitui a

⁹ “Miss Ann Thropy,” Earth First! Dec. 22, 1987, cited at http://www.processedworld.com/Issues/issue22/primitive_thought.htm

¹⁰ <http://www.eco-action.org/dt/primer.html> A Primitivist Primer By John Moore [13] <http://www.eco-action.org/spellbreaker/faq.html>

¹¹ the Practical Anarcho-Primitivist: actualizing the implications of a critique -Coalition Against Civilization, online at <http://www.coalitionagainstcivilization.org/speciestraitor/pap.html>

¹² Issue #6 of The ‘A’ Word Magazine, this interview online at <http://www.infoshop.org/inews/stories.php?story=04/02/11/5876278>

luta anarquista pela libertação, que envolve a adoção da tecnologia em nossas necessidades, em vez de rejeitá-la. O problema é que os primitivistas gostam de atacar os próprios métodos de organização de massas que são necessários para derrubar o capitalismo. Razoável o suficiente se você acredita que tem uma alternativa ao anarquismo, mas prejudicial se tudo que você tem é apenas uma crítica interessante!

Outros primitivistas, no entanto, seguem o caminho de Cassandra, dizendo-nos que são apenas profetas de um inevitável destino. Eles não desejam a morte de 5.900 milhões de pessoas, eles apenas apontam que isso não pode ser evitado. Vale a pena examinar isso com algum detalhe, precisamente porque é um argumento muito frágil. Qual é afinal de contas o sentido de se lutar por uma sociedade justa hoje se amanhã ou no dia seguinte 98% de nós morrermos e tudo o que construímos vai desmoronar?

Estamos todos condenados?

Os primitivistas não são os únicos a usar a retórica da catástrofe para assustar as pessoas e aceitar suas propostas políticas. Reformistas como George Monbiot usam argumentos semelhantes, “estamos todos condenados”, para tentar levar as pessoas a apoiar o reformismo e o governo mundial. Nos últimos anos, a ideia de que o mundo está de alguma forma, condenado, tornou-se parte da cultura dominante, primeiro com a guerra fria e depois com um desastre ambiental iminente. George Bush e Tony Blair criaram um pânico com as armas de destruição em massa para acobertar a invasão do Iraque. A necessidade de examinar e desmontar tais pânicos é clara.

A forma mais convincente do pânico do “fim da civilização” é a ideia de uma crise de recursos iminente que tornará a vida como a conhecemos impossível. E o melhor recurso para se concentrar naqueles que desejam argumentar a favor disso é o petróleo. Tudo o que produzimos, incluindo alimentos, depende de insumos energéticos em massa e 40% do uso de energia do mundo é gerado a partir do petróleo.

A versão primitivista desse argumento é mais ou menos assim: ‘todo mundo sabe que em X anos o petróleo vai acabar, isso significará que a civilização vai parar, e isso significa que muitas pessoas vão morrer. Portanto, podemos também abraçar o inevitável. O argumento do esgotamento do petróleo é o equivalente primitivista da crise econômica final marxista ortodoxa que resulta na derrubada do capitalismo. E, assim como os marxistas ortodoxos, os primitivistas sempre argumentam que essa crise final está sempre ao virar da esquina.

Quando examinado em detalhes, esse argumento evapora e fica claro que nem o capitalismo nem a civilização enfrentam uma crise final por causa do esgotamento do petróleo. Isto não é porque o fornecimento de petróleo é inesgotável, na verdade, podemos chegar ao pico da produção de petróleo hoje em 1994. Mas longe de ser o fim do capitalismo ou civilização, esta é uma oportunidade de lucro e reestruturação. O capitalismo, no entanto com relutância, está se preparando para obter lucros com o desenvolvimento de fontes de energia alternativas, por um lado, e, por outro, com o acesso abundante, mas mais destrutivo, para extraír fontes de combustíveis fósseis. O segundo caminho, é claro, torna o aquecimento global e outras formas de poluição muito piores, mas isso não deve parar a classe capitalista global.

Não são apenas primitivistas que ficaram hipnotizados pela crise do petróleo, então pretendo lidar com isso em um ensaio separado. Mas, em resumo, embora o petróleo se torne mais caro ao longo dos anos, o processo de desenvolvimento de substitutos já está em andamento. A Dinamarca, por exemplo, pretende produzir 50% das suas necessidades de energia a partir de parques eólicos até 2030 e as empresas dinamarquesas estão ganhando enormes quantias de dinheiro porque são as principais produtoras de turbinas eólicas. A mudança do petróleo provavelmente proporcionará uma oportunidade de obter lucros para o capitalismo, em vez de representar alguma forma de crise final.

Pode haver uma crise de energia à medida que o petróleo comece a subir de preço e as tecnologias alternativas ainda não são capazes de preencher os 40% da geração de energia preenchida pelo petróleo. Isso fará com que o petróleo e, portanto, os preços da energia subam, mas isso será uma crise para os pobres do mundo e não para os ricos, alguns dos quais até lucrarão com isso. Uma grave crise energética pode desencadear uma desaceleração econômica global, mas são os trabalhadores do mundo que mais sofrem nesses momentos. Há um bom argumento de que a elite do mundo já está se preparando para tal situação, muitas das recentes guerras dos EUA fazem sentido em assegurar o fornecimento futuro de petróleo para corporações dos EUA.

O capitalismo é perfeitamente capaz de sobreviver a uma crise muito destrutiva. A Segunda Guerra Mundial viu muitas das principais cidades da Europa destruídas e a maior parte da indústria da Europa

central se achatou. (Por bombardeios, pela guerra, pela retirada de alemães e, em seguida, rasgados e enviados para o leste pelo avanço dos russos). Milhões de trabalhadores europeus morreram em consequência da guerra e nos anos que se seguiram. Mas o capitalismo não apenas sobreviveu, como floresceu quando a fome permitiu que os salários fossem derrubados e os lucros aumentassem.

E se?

Entretanto, vale a pena fazer um pouco de exercício mental sobre esta ideia do óleo se esgotando. Se de fato não houver alternativa, o que aconteceria? Uma utopia primitivista emergiria mesmo com o preço amargo de 5,9 bilhões de pessoas morrendo?

Não. Os primitivistas parecem esquecer que vivemos em uma sociedade de classes. A população da terra é dividida em poucas pessoas com vastos recursos e poder e o resto de nós. Não é um caso de acesso igual a recursos, e sim de acesso desigual demasiadamente incrível. Aqueles que forem vítimas da morte em massa não incluiriam Ruben Murdoch, Bill Gates ou George Bush, porque essas pessoas têm o dinheiro e o poder para monopolizar os suprimentos restantes para si mesmos.

Ao invés disso os primeiros a morrerem num grande número serão os membros da população das megacidades mais pobres do planeta. Cairo e Alexandria no Egito têm uma população de cerca de 20 milhões entre eles. O Egito depende tanto das importações de alimentos quanto da agricultura intensiva do vale do Nilo e do oásis. Exceto pela minúscula elite rica, esses 20 milhões de habitantes urbanos não teriam para onde ir e não haveria mais terra para ser trabalhada. Os altos rendimentos atuais são, em parte, dependentes de altos insumos de energia barata.

A morte em massa de milhões de pessoas não é algo que destrói o capitalismo. De fato, em períodos da história, tem sido visto como natural e até desejável para a modernização do capital. A fome da batata da década de 1840, que reduziu a população da Irlanda em 30% foi visto como desejável por muitos defensores do livre comércio.¹³ Assim foi em 1943/4 a fome na colônia britânica de Bengala onde quatro milhões de pessoas morreram¹⁴. Para a classe capitalista, essas mortes em massa, particularmente nas colônias, oferecem oportunidades de reestruturar a economia de maneiras que, de outra forma, sofreriam resistência.

O resultado real de uma crise de ‘fim de energia’ seria ver nossos governantes estocando as fontes de energia que restavam e usando-as para alimentar os helicópteros que seriam usados para controlar os que teriam sorte o suficiente para serem escolhidos para trabalhar nos campos de biocombustível. A maioria desafortunada seria mantida onde está e deixada a morrer. Mais da ‘Matrix’ ou utopia em outras palavras.

O outro ponto a ser colocado aqui é que a destruição pode servir para regenerar o capitalismo. Goste ou não, a destruição em grande escala permite que alguns capitalistas ganhem muito dinheiro. Pense na guerra do Iraque. A destruição da infra-estrutura iraquiana pode ser um desastre para o povo do Iraque, mas é uma bonança lucrativa para a Halliburton and co¹⁵. Não coincidentemente, a guerra do Iraque está ajudando os Estados Unidos, onde as maiores corporações estão instaladas, a ganhar o controle das partes do planeta onde a futura e atual produção de petróleo ocorre.

Nós podemos estender ainda mais nosso exercício intelectual. Vamos fingir que alguns anarquistas são magicamente transportados da Terra para alguma Terra como nosso planeta, mas para outro lugar. E nós somos jogados lá sem qualquer tecnologia. Os poucos primitivistas entre nós poderiam caçar veados, mas uma boa porcentagem sentaria e tentaria criar uma civilização anarquista. Muitas das habilidades que poderíamos trazer podem não ser úteis (programar sem computadores é de pouca utilidade), mas entre nós teríamos um bom conhecimento básico de agricultura, engenharia, hidráulica e física. Da próxima vez que os primitivistas vagassem pela área que estabelecíamos, eles encontrariam uma paisagem de fazendas e represas.

Nós teríamos pelo menos carrinhos de rodas e possivelmente animais de tração se algum destes fosse adequado para domesticação. Nós mandaríamos nossos parceiros procurar por fontes óbvias de carvão e ferro e, se as encontrássemos, as mineraríamos e as transportaríamos. Se não, estaríamos derrubando muita madeira para transformar em carvão para extrair o ferro ou o cobre que pudéssemos do que

¹³ <http://struggle.ws/ws95/famine45.html>

¹⁴ <http://www.abc.net.au/rn/science/ockham/stories/s19040.htm>

¹⁵ For a reasoned critique of collapse from a Green anarchist perspective see <http://pub47.ezboard.com/fanarchykkafrm1.showPrevMessage?topicID=372.topic>

poderia ser encontrado. O forno e a fundição também seriam encontrados naquela paisagem. Temos algum conhecimento médico, o mais importante é a compreensão dos germes e da higiene médica, por isso teríamos sistemas básicos de purificação de água e de remoção de esgoto.

Nós entenderíamos a importância do conhecimento para termos um sistema de educação para nossos filhos e pelo menos o começo de uma loja de conhecimento em longo prazo (livros). Provavelmente poderíamos encontrar os ingredientes para a pólvora, que são bastante comuns, o que nos daria a necessidade de tecnologia explosiva para mineração e construção em larga escala. Se houvesse algum mármore nas proximidades, poderíamos fazer concreto, que é um material de construção muito melhor do que madeira ou lama.

A tecnologia não veio dos deuses. Não foi imposta ao homem por uma força externa misteriosa. Pelo contrário, é algo que desenvolvemos e continuamos a desenvolver. Mesmo se você pudesse voltar o relógio, este começaria a funcionar novamente. John Zerzan parece ser o único primitivista capaz de reconhecer isso e ele recua para a posição de ver na linguagem e no pensamento abstrato como o problema. Ele está certo e é ridículo ao mesmo tempo. Sua visão da utopia requer não apenas a morte de massa da população mundial, mas também exigiria a lobotomia geneticamente modificada daqueles que sobrevivem e não nascem! Não é claro que é algo ele defende, mas um ponto final lógico de seu argumento.

Por que argumentar contra isso?

Então, por que gastar tanto espaço demolindo uma ideologia tão frágil quanto o primitivismo? Uma razão é a conexão embarçosa com o anarquismo que alguns primitivistas tentam reivindicar. Mais importante, o primitivismo, por implicação e, muitas vezes, em seus chamados, quer que seus seguidores rejeitem o racionalismo pelo misticismo e a unidade com a natureza. Não é o primeiro movimento ecológico irracional a fazê-lo, um bom terço do partido nazista alemão veio da floresta adorando movimentos de sangue e solo que surgiram na Alemanha após a primeira guerra mundial.

Isso não é um perigo vazio. Dentro do primitivismo, desenvolveu-se uma ala irracional autopropaganda que, se ainda não advogava “campos da morte ao estilo nazista”, celebrava abertamente as mortes e o assassinato de um grande número de pessoas como um primeiro passo.

Em dezembro de 1997, a publicação americana Earth First escreveu que “a epidemia de AIDS, em vez de ser um flagelo, é um desenvolvimento bem-vindo na inevitável redução da população humana”.¹⁶ Em torno do mesmo período na Inglaterra, Steve Booth, um dos editores de uma revista chamada “Anarquista Verde”, escreveu que

“Os bombardeios de Oklahoma tinham a ideia certa. A pena é que eles não explodiram mais escritórios do governo. Mesmo assim, eles fizeram tudo o que podiam e agora há pelo menos 200 autômatos do governo que não são mais capazes de opressão. O culto sarin de Tóquio teve a ideia certa. A pena é que, ao testar o gás um ano antes do ataque, eles se entregaram. Eles não eram reservados o suficiente. Eles tinham a tecnologia para produzir o gás, mas o método de entrega era ineficaz. Um dia os grupos serão totalmente secretos e seus métodos de fumigação serão completamente eficazes”¹⁷.

É aí que você termina quando celebra a espiritualidade sobre a racionalidade. Quando a esperança de “correr com o veado” supera a necessidade de lidar com o problema de fazer uma revolução num planeta de 6 bilhões de pessoas. As ideias acima têm apenas conclusões reacionárias. Sua lógica é elitista e hierárquica, pouco mais do que uma versão semi-secular de deuses escolhendo pessoas que destroem os incrédulos. Certamente isso não tem nada em comum com o anarquismo.

Precisamos de mais não menos tecnologia

O que nos traz de volta ao começo. A civilização vem com muitos, muitos problemas, mas é melhor que sua alternativa. O desafio para os anarquistas é transformar a civilização em uma forma sem hierarquia, ou desequilíbrios de poder ou riqueza. Este não é um desafio novo, sempre foi o desafio do anarquismo, como mostra a longa citação de Bakunin no início deste ensaio.

Para fazer isso, precisamos de tecnologia moderna para limpar nossa água, bombear e processar nossos resíduos e inocular ou curar pessoas das doenças de alta densidade populacional. Com apenas 10 milhões de pessoas na terra você pode cagar na floresta, desde que você continue seguindo em frente. Com 6

¹⁶ Earth First!, Dec. 22, 1987, cited at http://www.processedworld.com/Issues/issue22/primitive_thought.htm

¹⁷ Green Anarchist, number 51, page 11, a defense of these remarks was published in Number 52. The author Steve Booth was a GA editor (and the treasurer) at the time [21] http://www.unhabitat.org/global_water.asp

bilhões de pessoas que cagam na floresta estão cagando na água, elas e os que estão ao redor delas terão que beber. Segundo a ONU, “a cada ano, mais de 2,2 milhões de pessoas morrem de doenças relacionadas à água e ao saneamento, muitas delas crianças”. Perto de um bilhão de moradores urbanos não têm acesso a saneamento sustentável. Dados de “43 cidades africanas ...mostram que 83% da população não tem banheiros conectados a esgotos” [21].

O desafio, então, não é simplesmente a construção de uma civilização que mantém os padrões de vida de todos no nível atual. O desafio é elevar o nível de vida de todos, mas de maneira razoavelmente sustentável. Somente o desenvolvimento futuro da tecnologia, aliado a uma revolução que elimine a desigualdade em todo o planeta, pode proporcionar isso.

É lamentável que alguns anarquistas que vivem nas nações mais desenvolvidas, mais ricas e mais tecnológicas do mundo prefiram brincar com o primitivismo, em vez de pensar em como podemos realmente mudar o mundo. A transformação global necessária fará com que todas as revoluções anteriores se tornem insignificantes.

O maior problema não é simplesmente que o capitalismo tenha ficado feliz em deixar uma enorme proporção da população mundial na pobreza. O problema também é que o desenvolvimento tem sido destinado a criar consumidores para produtos futuros, em vez de fornecer o que as pessoas precisam.

O transporte fornece o exemplo mais simples. Existe uma variedade de formas de transporte de massa que podem movimentar um grande número de pessoas de um lugar para outro em grande velocidade. No entanto, na última década, o capitalismo concentrou-se na forma que utiliza os maiores recursos por viajante, tanto em termos do que é feito e do que é necessário para mantê-lo funcionando. Este é o carro individual.

Em grandes áreas das partes mais desenvolvidas do mundo, essa é praticamente a única maneira de se locomover de maneira eficiente. O carro criou a megacidade da qual Los Angeles é talvez o exemplo mais infame. Ali foi criada uma cidade cuja arquitetura urbana torna a propriedade de carros individuais quase obrigatória.

Esta forma de transporte simplesmente não é uma solução para a maioria da população mundial. E não é simplesmente porque a maioria das pessoas não pode pagar um carro no momento. Os recursos consumidos na construção dos 3 bilhões de carros ímpares necessários para cada habitante adulto do mundo simplesmente não estão disponíveis. Os recursos (gasolina) também não estão disponíveis para esses 3 bilhões de carros disponíveis.

Então, se apossear de tecnologias existentes e desenvolver novas tecnologias não pode significar simplesmente continuar com a produção capitalista (ou métodos de produção) sob uma bandeira vermelha e preta. Assim como uma futura sociedade anarquista procuraria abolir o monótono trabalho chato da linha de montagem, seria necessário mudar radicalmente a natureza dos produtos que são produzidos. Num nível simples em termos de transporte, isso poderia começar com a redução significativa da produção de carros e o aumento da produção de bicicletas, motos, trens, ônibus, caminhões e micro-ônibus.

Eu não sou nem um ‘especialista em transporte’ nem um trabalhador da indústria de transporte, então não posso fazer mais do que arriscar quais poderiam ser essas mudanças. Mas devemos estar conscientes de que, fora do ocidente, a necessidade de transporte é frequentemente resolvida de maneiras muito menos individualistas. Somente os ricos podem pagar um carro, mas a massa da população pode mover-se quase tão rapidamente de um local para outro, aproveitando ônibus e trens, mas também sistemas de longa distância de táxis coletivos e micro-ônibus que circulam entre as cidades e eles sempre estão cheios.

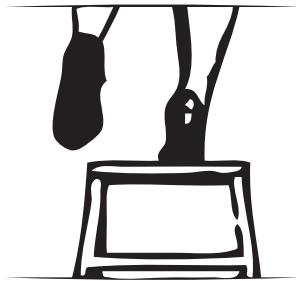
Esse é o desafio do anarquismo. Não simplesmente para derrubar a ordem mundial capitalista existente, mas também para ver o nascimento de um novo mundo. Um mundo que é, pelo menos, capaz de fornecer o mesmo acesso a bens, transporte, saúde e educação, como é acessível à ‘classe média’ nos países escandinavos hoje.

É essa nova sociedade que decidirá quais novas tecnologias são necessárias e como adotar as tecnologias existentes para o desafio de um novo mundo. É bastante provável que algumas tecnologias, se não descartadas, sejam rebaixadas. É difícil acreditar que decidiríamos construir novas usinas nucleares, por exemplo. Os OGMs (Organismos Geneticamente Modificados) precisariam provar algo além da possibilidade dos OGMs significarem maiores lucros e monopólios para as corporações, não menos que o benefício fosse maior que seus riscos.

Enquanto o capitalismo existir, continuará a causar estragos ambientais à medida que persegue os lucros. Só responderá eficazmente à crise de energia uma vez que se torne lucrativa e porque haverá uma defasagem de muitos anos até que o petróleo possa ser substituído, isso pode significar o agravamento da pobreza e da morte para muitos ou para as pessoas mais pobres do mundo. Mas não podemos consertar esses problemas sonhando com alguma idade de ouro perdida, quando a população mundial era baixa o suficiente para permitir a coleta de caçadores. Nós só podemos resolver isso construindo o tipo de movimentos de massa que podem não apenas derrubar o capitalismo, mas também introduzir uma sociedade libertária. E, no caminho, precisamos encontrar maneiras de deter e até mesmo reverter algumas das piores ameaças ambientais que o capitalismo está gerando.

O primitivismo é uma alucinação – não oferece um caminho adiante na luta por uma sociedade livre. Muitas vezes, seus adeptos acabam minando essa luta atacando as próprias coisas, como organização de massa, que são uma exigência para conquistá-la. Aqueles primitivistas que levam a sério a mudança do mundo precisam reexaminar pelo que estão lutando.

Biblioteca Anarquista



Andrew Flood
Civilização, primitivismo e anarquismo
11 de Junho de 2004

<http://elcoyote.org/civilizacao-primitivismo-e-anarquismo/>

bibliotecaanarquista.org